

RESULTADOS DO PROCESSO DE ESCUTA 2015 – 15 SETORES E CONCLUSÕES DA ASSEMBLEIA DO CLERO 2015

Durante os meses de Setembro a Novembro de 2015, Dom Peruzzo visitou todos os 15 Setores Pastorais e teve oportunidade de escutar todos os padres a respeito de nossas Missões. Aqui apresentamos o resultado desta escuta. Somado às reflexões do Conselho de Pastoral da Arquidiocese. Temos um verdadeiro panorama das missões em nossa Igreja Local.

COMO ESTÁ O PROCESSO DAS MISSÕES POR PARÓQUIAS?

1. Paróquias que ainda não visitam: 37
2. Paróquias em planejamento: 25
3. Paróquias em visitação: 56
4. Paróquias que apenas fizeram missão popular: 7
5. Paróquias que não se manifestaram ou estiveram ausentes: 14

6. Paróquias com experiências de pequenas comunidades: 32
7. Outras questões:
 - a. Paróquias que manifestaram início de esfriamento: 7
 - b. Padres que realizam missas nas casas: 28

QUE FRUTOS TEM GERADO?

1. ALEGRIA:

- a. Alegria dos missionários, que em geral são bem recebidos. Há alegria em conhecer realidades diferentes. “Eu não pensava que fosse assim”.
- b. A alegria dos visitantes motiva a criação da comunidade, ou possibilita os próximos passos. Primeiro se experimenta a alegria do encontro, depois se dá o passo seguinte: a pequena comunidade. Evangeliza-se por atração. O fascínio gerado nos visitantes não pode ser descuidado, mas alimentado.
- c. Provoca alegria e surpresa nos que são visitados: “A Igreja se lembrou de nós”; “A Igreja está aqui”
- d. Entusiasmo e renovação do ministério presbiteral

2. VISITAÇÃO COMO VALOR EM SI MESMO:

- a. As visitas são um jeito de ser Igreja muito próximo ao modelo evangelizador apresentado por Jesus nos Evangelhos. Não é um simples passo do processo, mas **CONCENTRA TODO PROCESSO EM SI**.
- b. As visitas desencadeiam a **CULTURA DO ENCONTRO**. Elas possibilitam o próximo passo: a criação da pequena comunidade de fé como consequência óbvia da missão.
- c. Mas este passo não pode ser delimitado no tempo. Ocorre como consequência das visitas. Visita-se pelo simples gosto de se visitar
- d. As visitas como experiência de fé e oração comunitárias. Não se sai para levar doutrinas, mas para se encontrar com as pessoas e com elas fazer experiência de fé.

3. CONVERSÃO PASTORAL:

- a. A visita leva a Igreja a rever-se. Planejamentos são revistos. A estrutura eclesial é colocada em saída. O utilitarismo pastoral e vaidade por achar que resolveremos tudo caem por terra.
- b. CAEP e CPP's estão se movendo a ser também visitantes... Todos na paróquia devem e precisam ser visitantes.
- c. Superação do clericalismo, com o despertar do protagonismo leigo. Os leigos sentem que podem fazer alguma coisa: “Eu sou Igreja”.
- d. Alguns setores estão criando o Conselho Setorial de Pastoral a partir do processo missionário
- e. Superação de um modelo sacramentalista de Igreja
- f. Igrejas mais cheias, com jovens
- g. Visitas proporcionam uma Igreja mais Samaritana: comprometimento social e transformador (paróquias que descobrem realidades de sofrimento, e buscam superar estas situações).

4. ECUMENISMO ESPONTÂNEO E NA PRÁTICA:

- a. Os protestantes tem acolhido os missionários e rezam juntos. Alguns até mesmo se envolvem em atividades católicas e colaboram com os missionários.
- b. Ocorre um verdadeiro ecumenismo. Ecumenismo na prática – pastores respeitando o padre, que se reaproxima.

DESAFIOS:

1. MEDO DE SAIR

- a. Medo inicial dos missionários, que logo é superado pela alegria do retorno
- b. Resistência das lideranças mais antigas da comunidade (clero e leigos)
- c. Choque de modelos eclesiais em Curitiba: Igreja de conservação X Igreja em saída. Instalou-se um modelo arquetípico de Igreja sacramental apenas. E isto é difícil de modificar.
- d. Falta de lideranças que realmente assumam a missão
- e. Medo camuflado por sensação de que se precisa mais formação.

2. AMBIENTES DIFÍCEIS:

- a. Os condomínios verticais e horizontais
- b. Regiões industriais e comerciais
- c. Regiões de paróquias (por vezes paróquias inteiras) que deixam de ser residenciais e se transformam em zonas de barracões industriais ou comércio, perdendo seus moradores tradicionais.
- d. As colônias italianas, polonesas e alemãs e seu catolicismo tradicional

3. A REGIÃO CENTRAL DA CIDADE

- a. Paróquias de passagem, com dificuldades em se criar vínculos comunitários
- b. Poucas lideranças, a maioria idosos
- c. Maior parte dos edifícios são comerciais, com pouquíssimos moradores.
- d. Violência cria barreiras para quem sai e para quem acolhe
- e. Experiências missionárias incipientes.

QUAIS OS PRÓXIMOS PASSOS?

1. INTENSIFICAR E QUALIFICAR AS VISITAS:

- a. Qualificar o processo de visitas como modelo permanente de ser Igreja. Visitação não é apenas uma estratégia: é encontro e gratuidade. Está a visitação para o Evangelho, como o abraço para o afeto. Não existe evangelização sem afeto. É o gosto da evangelização gratuita. Precisaremos valorizar a visita pela visita mesma: na pura gratuidade da fé! A visita por puro gosto de aproximar-se sem nenhum interesse posterior, para juntos rezarmos porque nós cremos. Ela cria vínculos interpessoais. O próximo passo se dá depois da criação deste vínculo.
- b. Formação na mística dos missionários, a fim de que não percam o entusiasmo: a visita é um jeito desinteressado da Igreja se aproximar.
- c. Formação prática para a visitação. Qualificação da visita (escuta, oração, Palavra de Deus)
- d. Distinção dos tipos de visita: (famílias não católicas, católicas não praticantes, praticantes, comércio, indústria, instituições de ensino, escritórios...)

2. A IMPLEMENTAÇÃO DAS PEQUENAS COMUNIDADES DE FÉ:

- a. As visitas e a formação de pequenas comunidades são partes de um mesmo processo: a promoção da cultura do encontro. A visita já é uma pequena comunidade reunida. Ela já é antecipação da pequena comunidade de fé da paróquia setorizada. A incidência, para agora, deve estar na visitação, mais do que na criação de uma estrutura, como o é a pequena comunidade de fé. Esta será consequência.
- b. É preciso reforçar a importância de visitas regulares dos mesmos missionários nas mesmas famílias. Há paróquias que visitam uma ou duas vezes no ano. Isto não é suficiente. Será preciso proporcionar vínculos entre visitantes e visitados.
- c. Será necessária formação bíblica para lideranças e a melhoria do "Caminhando".

3. QUESTÕES IMPORTANTES:

- a. Como envolver melhor a parcela do clero que ainda não aderiu, em especial os mais idosos? Como envolver as paróquias que ainda não participaram de nada?
- b. Os condomínios são por diversas vezes citados como empecilhos. Como adentrar este espaço?
- c. Como ser presença mais efetiva nos ambientes mais complexos (universidades, escolas, comércio, indústrias, Centro da Cidade...)?

- d. Como articular melhor a Iniciação à Vida Cristã com as ações missionárias?
- e. Como melhorar o atendimento das secretarias paroquiais em chave missionária?
- f. Como criar ou melhorar a Pastoral de Acolhida para os que iniciam a participação em nossas comunidades?
- g. As linguagens pós-modernas precisam ser por nós compreendidas, em especial com os mais jovens. Como fazer isto?
- h. Como unir mais os meios de comunicação católicos a fim de que ajudem a criar espírito missionário em toda a Igreja?
- i. Como envolver mais a juventude em nossas ações missionárias nas paróquias?

4. SUGESTÕES:

- a. Continuar as experiências práticas de missão nas regiões episcopais e por setores.
- b. A assembleia paroquial pode ser feita a partir do relatório dos visitantes. O planejamento pode surgir a partir da realidade descoberta na visitação.
- c. Implementação das visitas missionárias dos bispos nas paróquias
- d. Workshops para o Clero, por região episcopal com formação sobre aspectos administrativos e de gestão pastoral, com prática missionária e visitas nas casas
- e. Criar diaconias de atendimento de Universidades, Hospitais e junto aos Militares
- f. Formação missionária específica para MESC's e Diáconos Permanentes
- g. Criar a Pastoral da Esperança, para atender os cemitérios.
- h. A Leitura Orante da Bíblia precisa ser mais incentivada, aplicada. O Caminhando precisará ser apenas bíblico.

EXPERIÊNCIAS INTERESSANTES:

1. EXPERIÊNCIAS MARIANAS:

- a. Terços nas casas e praças como método de encantamento e de saída
- b. As Capelinhas auxiliam como passo de entrada, especialmente em condomínios. Elas são de uma força missionária impressionante.
- c. Criação do manual para a Capelinha: para celebração das duas famílias – a que acolhe e a que recebe. (Paróquia N. Sra Aparecida, Uberaba)
- d. Missões no comércio com capelinhas para os empresários. (Rosário de Belém)

- e. Capelinha para a semana de luto. Celebração da Palavra na casa da família enlutada. (Sagrada Família – Maracanã)

2. INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ EM CHAVE MISSIONÁRIA

- a. As experiências da Pastoral do Batismo e Encontros de noivos personalizados são eminentemente missionárias
- b. A catequese familiar tem sido de grande ajuda para se ir ao encontro das famílias dos catequizandos
- c. Diversas paróquias citam experiências missionárias a partir da Catequese. Ou nas famílias dos catequizandos ou com os próprios catequista/catequizandos realizando missões nas casas
- d. Visitas proporcionam encaminhamento para o Catecumenato daqueles que necessitam receber os sacramentos.

3. MATERIAIS MISSIONÁRIOS

- a. Tem se mostrado de fundamental importância deixar algum símbolo na casa, após a visita: Água Benta... Deixar uma cruz. (São José da V.O.)
- b. Utilização de símbolos: Oração com símbolos, faz abrir as portas. Busca-se celebrar na casa visitada, evitando cair na doutrinação ou no censo.
- c. Paróquia N. Sra. da Saúde criou a capelinha missionária, levando junto uma cruz e uma vela. Mensageira e MESC coordenam a equipe visitadora. (Paróquia N. Sra. Saúde – Colônia Faria)
- d. Carta para se entregar aos vizinhos dos paroquianos, como processo para criar mentalidade missionária em todo o povo que participa das missas. (Cristo Rei)

4. EXPERIÊNCIAS INUSITADAS:

- a. Muitos padres vão juntos nas missões com os leigos, e isto os transforma. Transforma o seu ministério. Em quase todos os setores isto aconteceu.
- b. Paróquias que saem do território paroquial até outros locais (paróquias que vêm ao centro, missões entre paróquias)
- c. Processo de visitas em quatro etapas da Paróquia de Órleans: Não mudam os missionários, mas os mesmos visitam a mesma família, a fim de criar vínculos e está suscitando a criação da pequena comunidade.

- d. Corpus Christi missionário – entrando com o Santíssimo nas casas (Cristo Ressuscitado)
- e. Durante a visitas, um dos missionários anota as urgências da família, e depois se procura ajudar e socorrer nestas necessidades. (Paróquia São José V.O.)
- f. Os idosos e doentes que não podem se pôr nas ruas, ficam na Igreja rezando pelos missionários. Este grupo cresce. (São José da V.O.)
- g. Qual melhor horário de visitas? A São José pergunta para a própria família visitada. O missionário volta depois, no horário sugerido. (São José da V.O.)
- h. Jesus no Terminal (de ônibus). (Sagrada Família – Maracanã)
- i. Jesus nos Ônibus: os jovens vão nos ônibus e fazem missão com as pessoas que ali estão. Reforça identidade. “Nunca imaginei os católicos fazendo este tipo de missão”
- j. Experiência da bênção nos comércio, da Paróquia N. Sra de Guadalupe: Reúne os MESCS, envia-os na missa, eles vão aos comércios, rezam, abençoam, e deixam um sinal. Água benta, outros.
- k. Missões nas ruas e praças: Igreja da Ordem.
- l. Visitas no Pequeno Príncipe, para as crianças (Paróquia Imaculado Coração de Maria)
- m. Movimentos como ECC foram citados diversas vezes como modelo de pequena comunidade nas casas
- n. Padre estimulou todo o povo a cantar o hino missionário a fim de conscientizar todas as pessoas para a missionariedade. (N. Sra de Lourdes, Jd. Botânico)
- o. A “Barraca do Abraço” no parque e na Boca Maldita. (Paróquia N. Sra. das Mercês)
- p. Via-sacra visitadora (Setor Portão)
- h. “A Igreja não pode ser uma mãe que ama por correspondência” (Padre, parafraseando Papa Francisco)
- i. “Eu sou Igreja”. Há alegria em conhecer realidades diferentes. “Eu não pensava que fosse assim”. (Órleans)
- j. “O padre nunca veio aqui espontaneamente” (Comerciante, ao Pe. Roberto Nentwig)
- k. O Padre vai junto fazer missões: “Minha experiência é fantástica”(Pe. José Airton)
- l. “Os missionários fazem melhor do que eu a Leitura Orante” (Pe. Tadeu Camilo)
- m. Os que foram visitar dizem: “Precisamos retornar” (Pe. Tadeu Camilo)
- n. “Padre – que coisa boa! Estamos descobrindo a quantidade de católicos que não tem sacramentos. O CPP já está se perguntando sobre que fazer. Agora é que a missão começa” (Pe. Jeferson, passionista)
- o. “A missão contagia” (Pe. Jeferson)
- p. “Eu nunca recebi a visita do padre aqui” (paroquiana de Sta. Teresinha)
- q. “Faz-nos mais humanos. Observamos o que somos. Como somos ricos. Nos faz voltar para o Santíssimo e pedir forças diante de tanto sofrimento” (Pe. Jefferson, Sta. Teresinha)
- r. “Saí para evangelizar, voltei evangelizado” (missionário, Paróquia Sagrada Família, Colombo)
- s. “Nunca imaginei os católicos fazendo este tipo de missão” (Pessoas que receberam missão do “Jesus nos ônibus” – Anjo da Guarda).
- t. Família com pessoa em agonia, missionários chamaram o padre na hora das missões, e depois disseram: “Minha mãe estava morrendo, e a Igreja estava lá na hora.” (Itaperuçu)
- u. “Graças a Igreja Católica minha família tem o que comer” (Itaperuçu)
- v. “Nunca imaginei ver isto acontecendo na minha casa” (Anjo da Guarda)
- w. “Estava com medo, mas se eu soubesse, teria ido antes” (Jovem da Anjo da Guarda)
- x. “Tira-nos do comodismo” (Pe Juarez)
- y. “Gera satisfação, porque conseguimos dar resposta para muitos que nunca viram isto. Aumenta nosso compromisso, e a participação do povo. Não tem como pedir para ‘marcar horário’... O padre precisa se comprometer”. (Pe Cleberson)
- z. “Nós padres fizemos visitas nas casas. Isto gerou alegria nos freis” (Fr. Nelson)
- aa. “Exige de nós padres. Temos que estudar. Promove comunhão. Exige que rezemos mais. E aumenta o povo – a Igreja ficou pequena” (Pe. Jesus Messias)
- bb. “A eles levamos a graça. Eles nos trazem as suas cruzes” (Pe. Jesus Messias)

FRASES INTERESSANTES:

- a. “A Igreja se lembrou de nós” (Boqueirão)
- b. “A Igreja foi me visitar” (pessoa visitada, Paróquia Sagrada Família, Colombo)
- c. “Depois dessas duas visitas, não vou mais sair da Igreja” (Paróquia de Órleans)
- d. “A visitação vale a pena. Transforma o missionário e o visitado.” (Paróquia de Órleans)
- e. “Fomos para evangelizar, voltamos evangelizados” (Pe. Nobre)
- f. Em visita a travestis, nas ruas, um deles disse: “Nunca alguém nos deu água benta” (Paróquia Imaculado Coração de Maria)
- g. “A visita do padre aos paroquianos, muda muito nosso jeito de viver o ministério. É bom para ‘destronar’ o padre.” (Pe. Carlos, São José Trabalhador)

- cc. “O positivo é que os que foram, tem animo e querem ir. E surgem novas lideranças” (Pároco São Pedro e São Paulo)
 - dd. “Agradeço por ser difícil, porque se fosse fácil...” (São Pedro e São Paulo)
 - ee. “Os visitantes saem com um fogo danado” (Pe. Vilela)
 - ff. “Visitar ajuda o ministério presbiteral” (Vila Tingui)
 - gg. Pe. Danilo, Imaculada Conceição, ouviu de uma pessoa muito empobrecida: “Parecia que o padre tinha medo de nós.
 - hh. “Eu me sinto abençoado por Deus porque faz tempo que não vou a Igreja, mas percebo que a Igreja está vindo até minha casa”. (Vila Fanny)
- ii. “Eu não conhecia meu vizinho de condomínio” (Visitador da São Rafael)
 - jj. “Sentem-se motivados a encontrar a própria fé e a transmitir a alegria que experimentam. E procuram o pároco. Faz-nos sair de alguns comodismos que estabelecemos” (Pe. Marcos, da São Rafael)
 - kk. “Que bom que voltaram. Quando é a próxima?” (Santa Quitéria)
 - ll. O Padre foi junto, mas sem identificação. Um missionário disse: “Vc gostaria que o padre viesse à sua casa”, ao que a moradora respondeu: ‘Nunca o padre viria aqui. Ele não vai vir no meu barraco” O padre não se identificou. (Vila Fanny)

CONCLUSÕES DA ASSEMBLEIA DO CLERO

Em 17 e 18 de Novembro, o Clero avaliou este processo, e chegou, a partir de reflexões por oficinas, às seguintes conclusões:

OFICINA 1 – AS VISITAS MISSIONÁRIAS

TEXTO ORIENTATIVO

O processo de escuta realizado nos Setores Pastorais por Dom Peruzzo apresentou-nos uma grata surpresa: a riqueza e profundidade das atividades de visita realizadas por nossas paróquias. Afirmamos que isto foi uma surpresa porque, o que antes parecia-nos mero passo inicial do planejamento missionário agora revela-se como sendo o passo fundamental de uma Igreja que deseja estar permanentemente em missão.

A alegria dos visitantes quando de seu retorno nos desvenda claramente sinais do Reino antes para nós escondidos. Na verdade, nossas visitas missionárias têm-se revelado muito mais do que uma estratégia de marketing. Elas são um jeito de ser Igreja muito próximo ao modelo evangelizador apresentado por Jesus nos Evangelhos. Não são um simples passo do processo, mas **concentram todo processo missionário em si e nos fazem verdadeiramente Igreja em saída**: paróquias que antes estavam temerosas, ao experimentarem o risco de sair e visitar, indo ao encontro do desconhecido, experimentaram a alegria de encontrar as pessoas em suas situações de vida e com elas fazer comunhão e criar vínculos, sendo presença em suas vidas, com elas rezando e fazendo com que o Evangelho adentre suas histórias não apenas com palavras, mas com atitudes desprendidas e livres de fraternidade e amizade.

As visitas missionárias desencadeiam a **cultura do encontro**, levando a Igreja a avaliar-se e colocar as suas forças em saída. Percebe-se que não basta apenas esperar, a fim de que o anúncio do evangelho seja feito de forma tranquila e sem questionamentos dentro dos templos. Mas urge ir até onde as pessoas estão. O utilitarismo pastoral e a vaidade por achar que resolveremos tudo caem por terra e somos forçados a provocar comunhão, ao invés de fortalecer estruturas. Planejamentos são revistos e as lideranças são impulsionadas a viver a dimensão samaritana da fé, encontrando-se com realidades de sofrimento, e com elas solidarizando-se. As visitas ajudam também a Igreja a se tornar mais ecumênica, posto que os missionários visitantes interagem com outras igrejas e são acolhidos, escutados e com eles rezam. “Primeireamos” no encontro, ao invés de apenas aguardar a demanda.

“A Igreja ‘em saída’ é a comunidade de discípulos missionários que ‘primeireiam’ (...) desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa,

precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos (...). Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! Como consequência, a Igreja sabe ‘envolver-se’. Jesus lavou os pés aos seus discípulos. (...) Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofridora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro das ovelhas’, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a ‘acompanhar’. Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. Conhece as longas esperas e a suportação apostólica. A evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações.” (Evangelii Gaudium, 24)

Visitação não é apenas uma estratégia: é encontro e gratuidade. Está a visita para o Evangelho, como o abraço para o afeto. Não existe evangelização sem afeto. É o gosto da evangelização gratuita. A experiência de nossas paróquias nos revela que será preciso valorizar a visita pela visita mesma: na pura gratuidade da fé! A visita por puro gosto de aproximar-se sem nenhum interesse posterior, para juntos rezarmos porque nós cremos. Ela cria vínculos interpessoais e faz nascer a Igreja por meio do encontro de corações que creem com corações que buscam.

O principal empecilho externo, no entanto, tem sido adentrar os condomínios horizontais e verticais. Muitos proíbem expressamente a atuação religiosa. Algumas experiências têm surtido efeito, como por exemplo, a presença das Capelinhas, a ajuda de moradores católicos, a criação de grupos de reflexão, o contato com síndicos, entre outras. A presença missionária da Igreja nos condomínios não tem sido fácil, e exige atitude criativa e inovadora de nossa parte.

Há também nossos erros de estratégia. Algumas paróquias visitam muito esporadicamente: uma a duas vezes no ano; outras mudam muito os visitantes, fazendo com que as famílias recebam diversas pessoas em suas casas. Consideramos fundamental manter uma frequência mínima básica de visitas (uma

por mês?) e que se conserve o mesmo missionário na mesma família, a fim de que se possa realmente cultivar vínculos.

Além destas, há outras barreiras que precisam ser por nós superadas: resistência das lideranças mais antigas da comunidade (clero e leigos); falta de lideranças que realmente assumam a missão; medo camuflado por sensação de que se precisa mais formação; as instituições de ensino; regiões industriais e comerciais (às vezes paróquias inteiras que deixam de ser residenciais); a violência que atrapalha tanto

os visitantes, com o medo da saída, quanto visitados, que receiam acolher estranhos.

Estas barreiras exigem de nós respostas claras, inovadoras e criativas. Não podemos nos deixar vencer pelas dificuldades, mas deixar que vença em nós a alegria experimentada pelos que saem, por vezes temerosos, mas retornam felizes porque o Evangelho foi anunciado.

CONCLUSÕES DA OFICINA: PISTAS DE AÇÃO

1. Cultivar o espírito desinteressado e livre das visitas constantes, com os mesmos missionários visitando periodicamente as mesmas famílias. Insistir com as pessoas abre definitivamente o coração. A igreja mostra que não quer nada em troca, mas criar relações. A visita precisa mais que número, mais que um esquema ou mapeamento, tem que ser relacionamento! É relação!
2. Que as visitas sejam momentos de experiências de fé e oração – encontro com o sagrado. Sejam expressão do Deus que vai ao encontro do seu povo. Utilização de imagens de Nossa Senhora, cruz, água benta – valorizar nossos símbolos.
3. Temas para preparação dos missionários:
 - a. Formação para as celebrações, orações e bênção.
 - b. Formação bíblica que ajude a iluminar as situações que encontram (situações de dor, de alegria, de luto, de doença, de solidão, para crianças, casais, idosos, outros...)
 - c. Formação básica sobre relações humanas
 - d. Formação e capacitação para o processo de escuta e aconselhamento pastoral
 - e. Formação para o diálogo ecumênico
4. Pensar um processo de visitas no qual a própria caminhada vai proporcionando os próximos passos.
 - a. Mapeamento da Comunidade e sua setorização
 - b. Preparação antecipada com avisos impressos (flyers) ou sonoros (carro de som)
 - c. No início da visitação é necessário criar impacto e fazer certo “barulho” no bairro, com mutirão, ou espécie de arrastão.
 - d. As visitas precisam ser mais celebrativas, oracionais, fraternas e de espírito de partilha. Evitar parecer que somos “professores da fé”, mas sim demonstrar que somos folhos do mesmo Deus que nos antecipa na visita. A promoção da cultura do encontro é fundamental. Não buscar efeitos imediatos. A amizade inicial é fundamental.
 - e. Oportunizar para que os mesmos missionários visitem frequentemente as mesmas famílias ou instituições a fim de criar comunidade pelo afeto
5. A participação do clero nas visitas é fundamental, juntamente com os leigos. Empolga o povo de Deus, ajuda a conhecer a realidade paroquial, afirma que a visita é realmente importante, ajuda o laicato a superar o medo.
6. Nos condomínios:
 - a. Conquistar o síndico (missas para eles, cartas, outros),
 - b. Aproveitar as capelinhas,
 - c. Encontrar líderes moradores para ajudar articular o grupo.
 - d. Aproveitar momentos especiais como batismos, unções dos enfermos e outros para adentrar nas casas dos moradores
7. Comércio e indústrias: ir especialmente para abençoar. Que se faça celebração com os funcionários, juntos. Humildade... Não querer parecer Igreja triunfalista. Aproveitar os leigos para se chegar. Às vezes o clero é rejeitado.
8. Instituição de Ministros Específicos para situações chave:
 - a. Ministros da Bênção
 - b. Ministros para as Exéquias

OFICINA 2 – O DESAFIO DOS CENTROS URBANOS

TEXTO ORIENTATIVO

“Naquele ‘ide’ de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todo somos chamados a essa nova ‘saída’ missionária. Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” EG 20.

Desafios do nosso tempo

Dentre os cenários e desafios da missão encontramos os grandes centros urbanos, de modo mais específico o centro da cidade. De acordo com as visitas e reuniões feitas nos 15 setores pastorais encontramos nesta região específica os mais diferentes desafios que foram levantados por nossos irmãos presbíteros tais como:

- 1) As paróquias do centro são compreendidas como paróquias “de passagem” e devido a isto é difícil de se criar vínculos comunitários. A maioria das pessoas que participam vem de outras regiões da cidade.
- 2) Nas paróquias do centro existe uma grande escassez de lideranças e a maioria populacional é constituída por idosos.
- 3) A maior parte dos edifícios são comerciais e não residenciais, deste modo, a paróquia do centro da cidade tem pouquíssimos moradores.
- 4) A violência é tida como um fator que cria barreiras para quem se propõe a sair, bem como, para quem acolhe os missionários.

Iluminando a reflexão

No seu ministério terreno, Jesus desenvolveu a evangelização tanto na área rural como nas cidades. "Ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus" (Lc 8,1); "Vi a cidade e chorou sobre ela" (Lc 19,41); Seguindo o exemplo de Jesus, a igreja atual precisa enfrentar o desafio da evangelização ou das missões urbanas.

As cidades, com sua complexidade social, cultural, econômica, constituem-se campo propício para atuação da igreja e dos cristãos. Lembramos aqui do apóstolo Paulo que evangelizou nas grandes cidades e ali a Igreja de Jesus também enfrentou dificuldades e desafios. A importante estratégia de Paulo foi ir aonde o povo está, nas grandes cidades do seu tempo. As maiores ficavam junto às

principais vias comerciais, marítimas ou terrestres. Boa parte eram cidades portuárias, localizadas no mar Mediterrâneo, Egeu e Adriático, como Éfeso e Corinto. O número de seus habitantes variava entre 100, 200, 300 e até 500 mil. Portanto, as cidades por onde Paulo andava eram essencialmente comerciais.

Experiências diferenciadas

Com os mais diversos desafios para a evangelização do centro da cidade é preciso re-pensar o processo missionário de acordo com o que a realidade nos apresenta. Quanto mais dificuldades encontrarmos, mais a ousadia de anunciar o evangelho deve ser colocada em prática.

É importante ter em mente algumas iniciativas que podem ser desenvolvidas a fim de atingir essa realidade específica dos centros urbanos:

- 1) Missões no comércio. Pode-se usar uma capelinha ou um folder com bênção do estabelecimento (bênção contra assaltos por exemplo). Nos comércios estão também os cristãos batizados, é necessário ir ao encontro deles, e descobrindo onde estão, iniciar por ali o processo missionário.
- 2) Nas visitas missionárias parece muito saudável deixar um símbolo, na casa ou comércio: água benta, uma cruz, imagem, adesivo, etc.
- 3) Cartas para serem entregues aos vizinhos dos paroquianos que vão às missas. Com a dificuldade de entrar em edifícios e condomínios é preciso buscar outras alternativas.
- 4) Paróquias, movimentos e grupos que saem do território paroquial e vão até o centro da cidade (missão entre paróquias). Com a escassez de lideranças no centro tais atividades surgem como uma oportunidade de evangelização.
- 5) Missões nas ruas e praças do centro, feira do largo da Ordem, rua XV, entre outros locais.

As paróquias situadas nos grandes centros urbanos têm dificuldades específicas, portanto, a evangelização deve procurar ter abordagens diferentes e ousadas de acordo com cada realidade. O centro da cidade pode ser um grande ambiente de evangelização também de outras paróquias e comunidades onde as missões acontecem com mais facilidade.

CONCLUSÕES DA OFICINA: PISTAS DE AÇÃO

1. Locais que necessitam atenção:

- a. Visitas e bênção às lojas, privilegiando o encontro com os proprietários e gerentes (são eles que abrem as portas)
- b. Evangelização nas praças públicas, listagem das praças e um calendário, para evangelizar nas praças como proposto pelo Papa, que, quando cardeal e Buenos Aires, batizava na praça.
- c. Ser presença nos terminais de ônibus e Rodoviária, com ajuda das paróquias e padres dos bairros.
- d. Evangelização nos Shoppings com salinha de oração, e atendimento.
- e. Celebrações em lugares diferenciados, praças, shoppings entre outros.
- f. Realizar trabalhos noturnos, para ser presença nestes ambientes.

2. Cooperação entre paróquias é possível? Paróquias da cidade podem ajudar as paróquias do centro nas visitas – criação da cultura de paróquias irmãs, para se suprir a falta de lideranças do centro da cidade. Ao mesmo tempo, é comum que os funcionários das empresas, lojas, estabelecimentos comerciais, não sejam paroquianos, como fazer com que as paróquias do centro sejam extensões das paróquias dos bairros?

3. Pistas para atividades missionárias:

- a. Valorizar o ritmo do centro, que é diferenciado dos bairros (visitas e celebrações antes do expediente)
- b. O processo de visitas no centro é mais longo. Não bastará eventos pontuais, precisaremos pensar processos graduais e contínuos.
- c. No centro a palavra que deve se sobressair é a ousadia, atividades diferenciadas em horários diferenciados

- d. Um dos pontos centrais da Igreja do centro é a acolhida. Que deve ser seguida sempre do passo do ir ao encontro.
- e. Valorizar a confissão, a escuta, e a acolhida no centro, com Igrejas sempre abertas: eis um jeito pessoal de se evangelizar.
- f. Capelinha para os comércios.
- g. Valorizar os meios de comunicação pois eles são as relações, o veículo que mais atinge as pessoas. Utilizá-los, inclusive, para as formações dos visitantes à distância.
- h. Criação das diaconias para os cemitérios, hospitais, universidades, outros...

4. “Periferias Existenciais” no Centro que merecem atenção:

- a. Os moradores de rua são um grande desafio. Muitos querem permanecer nas ruas, porque acaba sendo mais cômodo. Como ir até eles e ser presença no meio deles?
- b. O centro é o local de maior concentração de prostituição, Como atingir os prostituídos no centro?
- c. Por trás dos prédios comerciais temos uma realidade de periferia disfarçada, com situações graves de pobreza. Como atingir as favelas verticais?
- d. Presença de muitos imigrantes (no centro, chineses por exemplos) entre outras nacionalidades que se apresentam agora. Como ser presença em meio a eles?
- e. As tribos urbanas ou grupos ideológicos estão muito presentes no centro da cidade. É preciso ter uma linguagem para uma abordagem mais efetiva.
- f. Jovens estudantes e universitários: como ser Igreja atraente para eles?

OFICINA 3 – PERIFERIAS EXISTENCIAIS

TEXTO ORIENTATIVO

As visitas realizadas por Dom José Antônio Peruzzo nos setores pastorais apresentaram-nos a diversidade e profundidade evangelizadora em nossas comunidades paroquiais. Alegra-nos olhar as lideranças encantadas pelas atividades pastorais paroquiais. Há nas pastorais paroquiais algumas iniciativas de ações missionárias. Não devemos descuidar destas ações pastorais consolidadas.

Porém, os recentes documentos eclesiais, Documento de Aparecida e a exortação Apostólica Evangelii Gaudium, pedem-nos uma Igreja em saída: em estado permanente de missão. A fonte de inspiração para esta nova atitude é a prática da Igreja primitiva: comunidade encantada pelo Ressuscitado tornou-se comunidade visitadora, carismática e sensível às periferias do seu tempo.

Nestes últimos meses ouvimos muitas experiências de comunidades paroquiais que assumiram postura missionária e colocaram-se em saída. A saída é uma atitude querigmática, leva a Igreja a rever-se. Coloca-se a estrutura paroquial em processo de conversão pastoral. Evangeliza-se por atração. Renasce o desejo de experiência de fé naquele que é visitado. O visitador sente a alegria de ser sinal misericordioso de Deus.

Ao se colocar em saída, os missionários encontram muitas pessoas que passam despercebidas, excluídas e tornaram-se descartáveis. Algumas vivem o desespero da falta de condições básicas para a existência humana. Essas pessoas experimentam algum tipo de periferia: material, espiritual, emocional, afetiva ou intelectual.

Lamentavelmente o mundo está cheio de periferias existenciais. O vazio da vida, de fé e de encontro, a falta de sonhos, de utopias e de esperança. Pessoas moram em casas confortáveis, mas vivem no tédio, sem sentido, sem comunidade, longe da Igreja, sem Jesus Cristo. Algumas recorrem ao uso de drogas, o excesso

de bebidas alcoólicas, o excesso de remédios antidepressivos, a religiosidades radicais ou sentimentais e entre outros.

A periferia geográfica é, por excelência, onde a Igreja deve estar, visitar, acompanhar e conhecer. A periferia geográfica é onde as pessoas vivem na pobreza em bairros populares ou favelas; são ainda os abrigos, leprosários, asilos, pensionatos, jardins de infância, creches, orfanatos, escolas, universidades, casas de recuperação de dependentes químicos, cadeias, terminais de ônibus, rodoviárias, postos de gasolina de rodovia, centros comerciais, pequenos comércios, indústrias, restaurantes, casas noturnas, casas políticas, condomínios e prédios. Recordemos ainda de pessoas vivendo em condições mais desafiadoras e que clamam por cuidados: mendigos, prostitutas, travestis, traficantes, alcólatras, crianças abandonadas, imigrantes e idosos abandonados ou até agredidos.

Jesus Cristo esteve nas periferias existenciais e geográficas. É, portanto, na periferia que a Igreja deve estar, visitando, acompanhando e conhecendo. A periferia é o lugar onde algo de novo pode nascer. Não podemos nos atemorizar. O Papa Francisco destaca: “quando tivermos de partir para uma periferia extrema, talvez nos assalte o medo; mas não há motivo! Na realidade, Jesus já está lá; Ele espera-nos no coração daquele irmão, na sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sem fé. Jesus está lá naquele irmão. Ele sempre nos precede; sigamo-lo! Tenhamos a audácia de abrir estradas novas para o anúncio do Evangelho”.

Ousemos nas visitas missionárias para consolidar na comunidade paroquial o estado permanente de missão. As periferias existenciais e geográficas são diversas e desafiadoras. Que o medo seja vencido pelo compromisso missionário de levar o homem de Nazaré aos corações despedaçados e às realidades sofridas, transformando-as em Reino de justiça, amor e fraternidade.

CONCLUSÕES DA OFICINA: PISTAS DE AÇÃO

1. REALIDADES QUE MERECEM NOSSA VISITA MISSIONÁRIA:

- a. Migrantes: esta é uma periferia que tem gritado forte, em especial os haitianos. Eles é que nos visitam. Será necessário visitarmos essas periferias: crianças, desemprego, depressão profunda, tentativas de suicídio.
- b. Áreas de ocupação e favelas: Precisamos estar presentes nas favelas, não teme-las. Precisamos levar a palavra e o pão aqueles que não tem o básico)
- c. Catadores de material reciclável: a grande maioria é neopentecostal. Dificuldade de entrar nestas famílias. Catequese é um desafio, assim como toda evangelização. Busca por identificação de lideranças para potencializar o trabalho.
- d. Tráfico de drogas: Será preciso diálogo e muito cuidado para adentrar neste meio.
- e. Escolas e Universidades: Falta de abertura para a Igreja e iniciativas de nossa parte.
- f. Jovens: Grande parte está alheia à fé cristã. Cresce o indiferentismo e os que se opõe à religião.
- g. Pessoas idosas que ficam sozinhas o dia todo: Tem casa mas não tem presença. Ir ao encontro de pessoas viúvas e sozinhas, trabalhar perdas, auto estima, solidão.
- h. Pessoas acamadas: ir ao encontro e ser presença por meio das visitas.

- i. Casais de Segunda União: oferecer encontros para casais de segunda união e intensificar a presença da Pastoral Familiar junto a estes, de acordo com as orientações do Sínodo das Famílias.
- j. Os Presídios: ser presença e preparar-se para ouvir estas pessoas, sem julgamentos.

2. ORIENTAÇÕES PASTORAIS:

- a. Intensificar nossas PASTORAIS SOCIAIS, tendo-as como pastoras em saída. A sua metodologia é fundamental: sentir a realidade, a necessidade do povo. Os enviados são portadores de Jesus, Jesus entrou na realidade de cada pessoa. Primeiro visita, acolher. Não julgar diante das situações de cada pessoa e sua experiências. Incentivar as lideranças leigas para este trabalho.
- b. Visitar quem abandonou a comunidade: priorizá-las no processo de visitação e anuncio do evangelho é o desafio.
- c. As igrejas neopentecostais estão com as portas abertas de manhã até as dez horas da noite... Precisariamos melhorar nossa acolhida e abertura.
- d. Paróquias irmãs para questões sociais, como por exemplo, o cuidado dos idosos.
- e. Aquisição de terrenos para construção de capelas onde surgem novos condomínios; comprar salas para que a Igreja esteja presente também em alguns espaços, como shoppings e outros espaços.

OFICINA 4 – PEQUENAS COMUNIDADES DE FÉ

TEXTO ORIENTATIVO

A igreja nos últimos anos, e de modo especial a partir de Aparecida, assume como uma de suas prioridades a paróquia organizada em pequenas comunidades, como um desafio em sua forma de se organizar como Igreja viva, fazendo assim transparecer a dimensão comunitária participativa, como forma de superar o individualismo religioso que está marcando a nossa cultura sob muitos aspectos.

A grande comunidade, tem se demonstrado incapaz em dar respostas a situação cultural que nos afeta, secularizada e hostil à Igreja ou praticamente impossibilitada a isso, devido a dificuldade de manter os vínculos humanos e sociais entre todos. As pequenas comunidades, sejam elas estabelecidas pela vizinhança do bairro ou pelos moradores de condomínios, ou por afinidades sem delimitação territorial, como jovens, universitários, idosos, casais, etc., criam novas relações que favorecem a viver a sua fé, alimentar sua espiritualidade e crescer na convivência, criando assim comunidades com pessoas que se integrem para melhor viver a fé cristã, além de favorecer o aumento de líderes e ministros leigos que vão ao encontro dos afastados (CULTURA DO ENCONTRO).

Muitos esforços tem sido realizados em nossas comunidades com o intuito de criar esta espiritualidade de comunhão e que, com diversas metodologias, não poucos esforços tem sido feitos para levar os leigos a se integrarem nas pequenas comunidades eclesiais, que vão mostrando frutos abundantes, como nos fala as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da CNBB, nas pequenas comunidades eclesiais temos um meio privilegiado para chegar a Nova Evangelização e para chegar a que os batizados vivam como autênticos discípulos e missionários de Cristo, pois elas possuem um ambiente propício para se escutar a Palavra de Deus, para viver a fraternidade, para animar na oração, para aprofundar processos de formação na fé e para fortalecer o exigente compromisso de ser apóstolos na sociedade de hoje. Elas são lugares de experiência cristã e evangelização (n. 307-308).

Muitas tem sido as experiências em nossa Arquidiocese que demonstram isso, e nesse tempo especial de missões que estamos vivendo, como por exemplo, aumento do número de grupos de reflexão, criação de pequenos grupos que se reúnem para rezarem em torno da palavra de Deus entre outros, ou como a experiência missionário tem nos mostrado, que a visita, ou o processo de visita, já é uma pequena comunidade reunida, pois já é a antecipação da pequena comunidade de fé da paróquia setorizada, ou seja, as visitas e a formação de pequenas comunidades são partes integrantes de um mesmo processo onde se conhecem e se cuidam como discípulos missionários de Cristo.

Contudo reconhecemos que é necessário ainda criar e reanimar os processos de formação das pequenas comunidades para que sejam vivas e dinâmicas, é necessário despertar nelas uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus, que as mantenham em plena comunhão de vida e ideais com a Igreja local e, em particular, com a comunidade paroquial.

É nas pequenas comunidades que encontraremos ou encontramos os meios para chegar aos afastados, aos indiferentes e aos que alimentam descontentamento ou ressentimento em relação à Igreja, além de serem fonte segura de vocações ao sacerdócio, à vida religiosa e à vida leiga com especial dedicação ao apostolado.

Sendo assim, É urgente a renovação das estruturas paroquiais para que sejam comunidades capazes de propiciar aos seus membros uma real experiência de comunhão com Cristo. A renovação das paróquias exige a reformulação de suas estruturas para que sejam comunidades e grupos capazes de se articular, conseguindo que os participantes se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão. A comunidade paroquial não pode ser uma superestrutura formal e vazia, mas um todo orgânico que envolve os diversos aspectos da vida. Por isso, independente das inúmeras dificuldades, é urgente que a paróquia se torne, cada vez mais, comunidade de comunidades vivas e dinâmicas de discípulos missionários de Jesus Cristo.

CONCLUSÕES DA OFICINA: PISTAS DE AÇÃO

1. APECTOS POSITIVOS DAS PEQUENAS COMUNIDADES:

- a. Forma novas lideranças; o empenho das lideranças é maior quando tem trabalho nos pequenos grupos.
- b. Atrai pessoas que passam a participar da pequena comunidade, e que estavam afastadas, mas que à vida paroquial retornaram, a partir da participação na pequena comunidade.
- c. Fermento na massa: a paróquia vai se renovando
- d. Os pequenos grupos conseguem ser presença da Igreja junto aos enfermos.
- e. O grupo de reflexão atinge muito mais às pessoas que não tem uma vivência Paroquial constante. É a porta de entrada para a igreja.

2. METODOLOGIA:

a. FORMAÇÃO:

- i. Dos líderes das Pequenas Comunidades a nível de Setor, com periodicidade e sistematizada.
 - ii. Encontros com os animadores das pequenas comunidades a cada dois meses, por paróquias para oração, partilha e reflexão. A dificuldade de um pode ser superada pelo testemunho e partilha com os outros.
- b. Conscientização e formação para os coordenadores de CPP a cerca deste modelo de ser Igreja
 - c. Setorização da Paróquia, envolvendo as lideranças
 - d. Os missionários fazem várias, a partir buscando formar um pequeno grupo
 - e. Aproveitar a capilaridade e abrangência com das mensageiras de capelinhas para adentrar vários espaços.
 - f. A presença do padre no início do processo é muito importante: fortalece, dá segurança, anima. Visitar de surpresa as comunidades. Demonstra valor ao que eles estão a fazer. É uma das coisas boas que podemos fazer, e não nos custa sacrifício. Podemos rezar missas na pequena comunidade, mas esporadicamente. Outras vezes o padre precisa ir para apenas participar do grupo. É importante não levar a estrutura da paróquia pra dentro das famílias. Na pequena comunidade, a Palavra de Deus é central.

3. PISTAS DE AÇÃO

- a. Criação do Dia da Palavra – um dia na semana para o encontro da pequena comunidade
- b. Preparação para o Batismo com 3 encontros nas casas, preparação para o matrimônio personalizada – isto valoriza a missionariedade e possibilita encontro comunitário.
- c. Conscientizar as pequenas comunidades da importância dos novos ministérios (Ministério da Palavra – Leitura Orante).
- d. Valorizar a Leitura Orante da Palavra.
- e. Valorização do terço e missas nas casas. Mas precisam ser acompanhadas de visitas e de valorização da Palavra.
- f. Relação com os síndico e/ou paroquianos que tenham essa relação para entrar nos condomínios.
- g. Nos prédios, valorizar as capelinhas, novenas de Natal, Quaresma, Campanha da Fraternidade, via sacra.

4. DESAFIOS:

- a. Dificuldade de encontrar lideranças para animar o grupo. Precisamos estar atentos e motivar as pessoas.
- b. A perseverança é um desafio. O trabalhador tem exigências no seu emprego e isso reflete na comunidade, pois tem que trabalhar nos finais de semana, à noite.
- c. Preconceito por parte da própria comunidade com pessoas de segunda união, ou outras situações que julguem imorais. Os grandes frutos muitas vezes vem dos “erradinhos”, aqueles que são mais abertos a acolher.
- d. Respeitar os diferentes perfis de pequenas comunidades. Dentro da comunidade há uma diversidade de trabalhos e iniciativas que devem ser valorizados e fortalecidos.
- e. Alguns movimentos são muito fechados. Precisam se abrir às propostas missionárias da Arquidiocese.
- f. Cuidar para não tornar estas comunidades como movimento à parte da Igreja. Devem estar envolvidos na paróquia.